

Programa de Assessoria à Pastoral

A Leitura Bíblica por meio do Método Sociológico

UWE WEGNER

Mosaicos da Bíblia

12

Apresentação

O tema deste número do **Mosaicos da Bíblia** surgiu no contexto de seminários sobre a história da hermenêutica bíblica. Deve ser lido como parte integrante da série Leituras da Bíblia, mais especificamente, em seqüência ao volume 4, que trata do método histórico-crítico.

Devemos ir “para dentro” deste ensaio conscientes das lutas históricas em que se acham engajadas(os) mulheres e homens na América Latina, onde a leitura bíblica nasceu no chão das comunidades e em diálogo com os setores populares.

Importa saber em que medida o método sociológico realmente contribui para que a leitura bíblica seja um processo criativo, desafiante e libertador, tanto na esfera individual, quanto na comunitária e social.

Certificando-se disso, este método não ficará reservado aos “estudados”, mas fermentará entre quaisquer pessoas ou grupos que pretendam estudar a Bíblia de forma comprometida.

Tal compromisso, sem dúvida, se faz em nossas vidas e torna-se mais e mais necessário como parte que somos desse sofrido continente.

A nossa fé é a serviço da redenção histórica dos nossos povos!

Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o (a) autor (a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva ao Setor de Distribuição do CEDI.

Edição e Revisão: Milton Schwantes
Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Digitação: Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Editoração Eletrônica: Claudia Salvetti Sanzochi

São Paulo, outubro/novembro/dezembro de 1993.

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Av. Higienópolis, 983 - 01238-001 São Paulo SP - Brasil

Fone: (011) 825-5544 - Fax: (011) 825-7861

Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 Rio de Janeiro RJ - Brasil

Fone: (021) 224-6713 - Fax: (021) 221-3016

A Leitura Bíblica por meio do Método Sociológico¹

Uwe Wegner

Introdução

Seguidamente se ouve a queixa de que no chão das comunidades a aplicação efetiva do método sociológico é muito rara. Ele parece estar mais reservado a especialistas e pessoas com maior grau de formação. Caso seja verdade, é uma pena, porque uma das coisas que este método de leitura mais quer é justamente estudar a Bíblia a partir da realidade concreta dos seus textos e, por extensão, das comunidades que os interpretam. Esta é a razão pela qual o método é também denominado por alguns de *análise materialista da Bíblia*: Quem estuda a Bíblia pelo método sociológico quer captar e compreender a fundo toda a realidade material e concreta que os textos pressupõem e dentro da qual surgiram e se formaram. Há pessoas que não falam nem de método sociológico nem de análise materialista, e sim, de *leitura dos quatro lados*: É que o método contempla, sobretudo, quatro lados determinantes da realidade dos textos e daquela que vivemos hoje. Achamos que o nome que se dá a este método de leitura é secundário. O que importa saber, é se e em que medida ele realmente contribui para que a leitura bíblica possa ser um processo criativo, desafiante e libertador, tanto na esfera individual, quanto na comunitária e social. À medida em que isto for verdade, o método sociológico não ficará reservado “aos estudados”, mas poderá fermentar entre quaisquer pessoas ou grupos que pretendam estudar a Bíblia de forma comprometida.

Método Sociológico - Informações sobre literatura a respeito

Alberto Antoniazzi apresentou em 1984 um apanhado da literatura a respeito deste método que, até então, havia sido publicada no Brasil (Estudos Bíblicos, v.1, 1984, p.50-54). Depois desta data seguiram-se várias outras publicações a respeito.

Um apanhado detalhado da literatura sobre o assunto em língua estrangeira fornece o livro de Gerd Theissen, *Sociologia da cristandade primitiva* (São Leopoldo, Sinodal, 1987), p.179-200.

A nós interessa mais repassar breves informações sobre:

- a) como se tem entendido o método,
- b) como se tem aplicado o mesmo na literatura.

Quanto à primeira questão, é interessante notar que há pouca coisa escrita em português. Quem quiser se informar a respeito do que vem a ser o método sociológico e de como é possível compreendê-lo e interpretá-lo, recomendamos a seguinte literatura:

1. Palestra apresentada no seminário “Método Sociológico de Leitura da Bíblia” promovido pelo programa de Assessoria à Pastoral do CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, no dia 9 de junho de 1990, em São Paulo.

Ana Flora ANDERSON e Gilberto GORGULHO, "A leitura sociológica da Bíblia". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.6-10

Carlos TOSAR, "A leitura da Bíblia com o povo trabalhador". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.71-74

Airton José da SILVA, "Leitura sociológica da Bíblia". In: *Estudos Bíblicos*, v.32, 1992, p.74-84

John H. ELLIOTT, *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro* (São Paulo, Paulinas, 1985), p.9-23

Gerd THEISSEN, *Sociologia da cristandade primitiva* (São Leopoldo, Sinodal, 1987), p.9-35

Gerd THEISSEN, *Sociologia do movimento de Jesus* (São Leopoldo, Sinodal, 1989), p.101-141

Norman K. GOTTWALD, *As tribos de Iahweh. Uma sociologia da religião de Israel liberto - 1250-1050 a.C.* (São Paulo, Paulinas, 1986), p.19-33

João Evangelista MARTINS TERRA, "Comentário bíblico na perspectiva do pobre". In: *Revista de Cultura Bíblica*, ano 31, v.12, n.45/46, 1988, p.20-56 (posicionamento crítico e contrário ao método).

Quanto à questão de como se tem aplicado o método na literatura, constata-se uma gama de variações. A aplicação concreta do método pode ser encontrada, entre outras, nas seguintes modalidades:

a) em textos isolados. Exemplos:

Martin VOLKMANN, *Jesus e o templo. Uma leitura sociológica de Marcos 11,15-19* (São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1992)

Uwe WEGNER, "Romanos 13,1-7: O cristão e as autoridades. Uma leitura sociológica". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v.4, 1989, p.61-80

Carlos A. DREHER, "A formação social do Israel pré-estatal". In: *Estudos Teológicos*, v.26, 1986, p.169-201)

b) em assuntos delimitados, que abrangem mais de um texto. Exemplos:

Gerd THEISSEN, *Sociologia da cristandade primitiva* (São Leopoldo, Sinodal, 1987). Nesta obra o autor aborda assuntos, a exemplo de: "Radicalismo itinerante" (p.36-55); "A renúncia à violência e o amor ao inimigo" (p.100-132); "Os fortes e fracos em Corinto" (p.133-147)

Frank CRÜSEMANN, "Direito - estado - profecia". In: *Estudos Teológicos*, v.29, 1989, p.283-294)

c) em livros bíblicos isolados. Exemplos:

Juan STAM, "Apocalipsis y el imperialismo romano". In: *Lectura del Tiempo Latinoamericano. Seminario Bíblico Latino-Americano*, 1979, p.27-60.

John H. ELLIOTT, *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro* (São Paulo, Paulinas, 1985).

Milton SCHWANTES, *Amós. Meditações e estudos* (Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1987)

Ched MYERS, *O evangelho de São Marcos* (São Paulo, Paulinas, 1992)

Joel Antônio FERREIRA, *Primeira epístola aos Tessalonicenses* (São Paulo/São Leopoldo/Petrópolis, Metodista/Sinodal/Vozes, 1991)

Francisco REYES ARCHILA, *Hechos 15,1-35. Un ensayo de lectura sociológica*. (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1993).

O propósito de aplicar o método sociológico integra também o projeto ecumênico do “Comentário Bíblico” (Antigo Testamento e Novo Testamento). Estes comentários bíblicos querem ser, primariamente, “leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres”. Mas contêm, inegavelmente, vários acentos e afinidades com o método sociológico, sendo que o grau destas afinidades varia de autor(a) para autor(a). Para uma crítica ao comentário e à análise sociológica dentro dele, confira o já aludido artigo de João Evangelista Martins Terra.

d) em períodos históricos delimitados. Exemplos:

Norman K. GOTTWALD, *As tribos de Jahweh. Uma sociologia da religião de Israel liberto - 1250-1050 a.C.* (São Paulo, Paulinas, 1986)

Winfried THIEL, *A sociedade de Israel na época pré-estatal* (São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1993)

ACO-CPO, “A história do povo de Deus. 1º volume: De Abraão até o fim da monarquia”. Rio de Janeiro, 1987; 2º volume: “Do exílio até o fim da dominação grega”. Rio de Janeiro, s.d.

ACO-CPO, “Jesus. Sua terra, seu povo, sua proposta”. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1985 (este material é popular e representa uma das melhores iniciações à leitura sociológica da Bíblia que possuímos atualmente; mereceria ser amplamente divulgado nas comunidades)

Hans G. KIPPENBERG, *Religião e formação de classes na antiga Judéia* (São Paulo, Paulinas, 1988; analisa desde o século 5 a.C. até à época de Jesus)

Klaus WENGST, *Pax romana. Pretensão e realidade* (São Paulo, Paulinas, 1991)

Joaquim JEREMIAS, *Jerusalém no tempo de Jesus. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário* (São Paulo, Paulinas, 1983)

Gerd THEISSEN, *Sociologia do movimento de Jesus* (Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1989)

Howard C. KEE, *As origens cristãs em perspectiva sociológica* (São Paulo, Paulinas, 1983)

Shigeyuki Makanosi, *A leitura sociológica do sacrifício (zebah) em 1 Samuel 1-1 Reis 12*. (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1986).

e) em aspectos específicos do método, como nas áreas da economia ou política. Exemplos:

Carlos A. DREHER, “A economia no livro de Joel”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.10, 1991, p.61-71

Nestor O. MÍGUEZ, “Linguagem bíblica e linguagem política”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.4, 1989, p.49-60 (leitura política da 1ª carta aos Tessalonicenses).

A leitura através dos quatro lados

Neste método de leitura bíblica parte-se do pressuposto de que quatro lados ou aspectos são determinantes e de suma importância dentro da vida de um povo:

economia - como se encontram organizados produção e trabalho,
 relações sociais - como o povo se relaciona entre si,
 política - como é exercido o poder,
 ideologia - sistema de valores e idéias nos quais o povo se baseia.

Caracterização dos quatro lados

Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson² resumem os quatro lados determinantes da vida como segue:

"A leitura sociológica parte da base material da vida social: a produção e o trabalho. Aí se encontra o germe de vida ou de morte que irá aparecer no conjunto do tecido das relações sociais. E esta base das relações sociais mostra ainda que o eixo e o centro das relações sociais é a busca da vida em todas as suas dimensões... A divisão do trabalho suscita e forma grupos sociais com sua consciência e com sua prática específica a fim de assegurar os seus interesses e o seu projeto. Aí está o fundamento das relações sociais e o eixo de sua organização. A defesa dos interesses de cada grupo faz surgir o conflito no qual se insere a dimensão ética: o relacionamento dos grupos se faz na justiça ou na injustiça, na solidariedade ou na marginalização. A sociedade se integra ou se desintegra, e o seu projeto é de morte ou é um projeto de vida em comum no qual todos têm a mesma participação. Aí se inserem, então, os valores da verdade, da justiça e da solidariedade na igualdade e na participação de todos.

A dimensão política apresenta o poder como força que articula a organização social e sua estruturação na história. A política e o sistema jurídico manifestam a articulação das mediações necessárias para garantir a vida social do povo. A dimensão política leva a compreender as categorias de raça, nação, estado e a originalidade do povo como o ser social que se constrói na liberdade, superando as dominações, na participação e na comunhão fraterna.

A ideologia é o ápice da codificação que se apresenta como justificativa e cimento para o conjunto das relações sociais. É manifestada na mentalidade, nas estruturas mentais, na cultura, na filosofia e na prática religiosa. Reveste-se de uma força sagrada e natural para justificar determinada organização social. Assim se a ideologia é a expressão dos interesses mentirosos e injustos de um grupo social ela é germe de morte e dominação para o conjunto da sociedade, a partir dos interesses e do poder de um determinado grupo. Mas, se veicula interesses legítimos e justos e apresenta verdades concretas, germes de justiça e solidariedade, a ideologia pode ser vista como manifestação peculiar da verdade e da justiça que instauram uma crise no conjunto social e é apelo para o discernimento e para a mudança do conjunto das relações sociais que formam a vida do povo. A ideologia é um espírito que sustenta a reprodução ou a mudança da vida social. O discernimento da vida social está, pois, no discernimento do conteúdo e da finalidade das ideologias."

Exercícios de leitura através dos quatro lados

São feitos de duas maneiras:

(1) Classificação, avaliação, síntese e interconexão entre os lados

2. Ana Flora Anderson e Gilberto Gorgulho, "A leitura sociológica da Bíblia". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.6-7.

Classificação

Neste primeiro caso procura-se, inicialmente, ver quais elementos e termos o texto apresenta em relação a cada um dos quatro lados, os quais são devidamente anotados. Em ensaios e folhetos sobre a leitura dos quatro lados encontram-se algumas sugestões em forma de perguntas, que podem facilitar este processo inicial de classificação. Assim, por exemplo, se quisermos saber que palavras relacionar com as diferentes áreas ou lados, orientamo-nos por perguntas como:

- **área da economia:** Que aspectos apresenta o texto sobre produção, produtos e sua comercialização, divisão do trabalho e seus instrumentos e propriedade dos meios de produção (como, por exemplo, a terra), distribuição de renda, consumo da produção?
- **área das relações sociais:** O que diz o texto sobre a maneira de se relacionarem as pessoas e os grupos ou classes que elas representam? Há um bom ou mau relacionamento ou mesmo quebra de relações? As pessoas, grupos ou classes estão unidas ou divididas, em relação de amizade ou hostilidade?
- **área do poder/política:** Quem exerce poder no texto (pessoas, grupos, instituições, “principados e potestades”) e que tipo de poder é exercido? Como as pessoas (grupos, instituições, povo) reagem ao poder exercido? Como se manifesta o poder oficialmente constituído e o poder não oficial de pessoas, grupos ou do povo como um todo?
- **área da ideologia:** Que valores de vida e de conduta o texto defende, combate, sanciona ou relativiza? Em que se baseia para acatar ou rejeitar estes valores? Que tipo de religião ou de Deus transparece no texto? De que maneira e através de que recursos interesses de pessoas, grupos, classes ou instituições dominantes são legitimados? Com base em que o texto fundamenta a resistência e a defesa de legítimos direitos de pessoas, grupos ou classes dominadas e exploradas?

Este breve roteiro de perguntas é de valia, sobretudo, quando pessoas trabalham com o método num estágio inicial. A título de exemplo apresentaremos uma classificação de termos baseada no texto do conflito entre Jesus e o templo em Marcos 11,15-19 e apresentada por Martin Volkmann,³ que assim enquadrou as várias palavras dentro dos respectivos quatro lados do método:

Economia:

(versículo 15) Jerusalém, templo, vendedores e compradores, cambistas, vendedores de pombas, Jesus expulsa e derruba.

(versículo 16) recipiente

(versículo 17) covil de salteadores

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas

Política:

(versículo 15) Jerusalém, templo

3. Martin Volkmann, *Jesus e o templo. Uma Leitura sociológica de Marcos 11,15-19*. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1992, p.46.

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas procuram eliminá-lo, pois o temem

Relações Sociais:

(versículo 15) Jerusalém, templo, vendedores e compradores, cambistas, vendedores de pombas, Jesus (e seu grupo)

(versículo 17) casa de oração, covil de salteadores

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas procuram eliminá-lo, pois o temem

Ideologia:

(versículo 15) Jerusalém, templo

(versículo 17) Palavra de Jesus, casa de oração (para todos os povos), covil de salteadores

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas procuram eliminá-lo, pois o temem.

A apuração e a anotação separadas dos elementos pertencentes aos quatro lados e que se encontram dentro de um texto, oferecem algumas vantagens para quem principia nos exercícios deste método de leitura. Estas vantagens são as seguintes:

a) Aumenta a nossa sensibilidade em relação aos quatro lados dentro de um texto. Começamos a notar aspectos ou detalhes sobre economia, ideologia, que, sem a prática do exercício, não iríamos conseguir.

b) Aumenta a nossa sensibilidade sobre áreas que não são necessariamente de nossa predileção ou prioridade, mas que, por vezes, são de relevância dentro de um texto. Ched Myers, por exemplo, interpreta todo o evangelho de Marcos à luz da palavra de Jesus em Marcos 3,27: *“Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa”*. Para ele o versículo apresenta todo um programa ideológico-político em oposição ao sistema templo-estado, com sede em Jerusalém, o que determinou que entitulasse todo o seu comentário ao evangelho de Marcos com as palavras *“Binding the strong man. A political reading of Mark’s story of Jesus”* (“Amarrando o homem forte. Uma leitura política do evangelho de Marcos”). De fato, se olharmos as palavras do versículo com atenção, elas são, por excelência, de cunho político. Mas, sem uma procura explícita por elementos políticos dentro de um texto como Marcos 3,22-27, será que chegaríamos à mesma conclusão que Ched Myers?

c) Provoca uma série de inseguranças relacionadas ao lado exato a que pertencem certos termos ou realidades dentro do texto. Por exemplo: Em qual dos quatro lados deve ser enquadrada uma palavra como “templo”? Pertence ao lado da economia, ideologia, política ou das relações sociais? Este embaraço e insegurança iniciais escondem, no fundo, um elemento positivo, pois vão mostrando que na realidade concreta dos textos e da vida, instituições ou idéias nem podem ser enquadradas isoladamente num só dos quatro lados. Na realidade concreta da vida uma instituição como o templo perpassa todos os quatro lados analisados. O exercício nos faz perceber, portanto, que economia, política e ideologia são realidades bem mais interdependentes e mutuamente influenciáveis do que à primeira vista poderíamos supor.

Avaliação

Uma vez enquadrados os vários termos do texto nos quatro lados correspondentes, passa-se a avaliá-los. Neste processo de avaliação devemos dar “carne e osso” a estes termos. Isto significa duas coisas:

- a) Aprofundar o seu significado, recolhendo o maior número de informações sobre os mesmos. Para isto devemos servir-nos de todos os recursos disponíveis, como dicionários bíblicos, comentários e literatura sobre o mundo contemporâneo como um todo;
- b) Ver qual o papel e o grau de importância que o termo desempenha no texto específico sob análise. Na maioria das vezes as palavras, quando analisadas ou contempladas isoladamente, não dão um sentido desejável. Importa, pois, ver a função que estas desempenham dentro do texto em que se encontram, ou seja: Importa determinar qual a função de uma palavra dentro do conjunto maior de ações ou ditos que o texto apresenta. Afinal, ninguém estuda termos em função deles mesmos! É preciso enfatizar este segundo aspecto para evitar que o estudo das palavras vire um trabalho atomizado e fragmentado que não leve a lugar nenhum.

Síntese

Analisadas as palavras classificadas dentro de cada um dos lados, procura-se apresentar uma síntese para cada um deles isoladamente. Esta, procura mostrar o grau de importância que cada um dos lados detém no texto. E o melhor critério para averiguar este grau de importância é procurar responder à seguinte pergunta: O lado em apreço tem autonomia dentro do texto, ou seja, fornece por si só uma lógica ou coerência? Quando este é o caso, então o lado em apreço é ou o mais importante no texto, ou - no mínimo - um dentre os mais importantes. Quando este não é o caso, então as palavras ou termos classificados dentro dos lados só têm função de apoio ou de complementação; nestes casos elas não formam um todo coerente dentro dos respectivos lados, mas se encontram unicamente “a serviço” da área determinante e tematizada no texto.

Este exercício de síntese é uma questão de sensibilidade e aprendizado. Nem sempre é fácil. Mas é fazendo que vamos aprendendo. Importante é, sobretudo, notar que a determinação de qual seja, dos quatro lados, aquele que dentro do texto detenha o maior grau de importância, nem sempre é uma coisa óbvia e clara. Às vezes também há mais lados simultaneamente destacados dentro de um mesmo texto. No caso do conflito entre Jesus e o templo visto anteriormente (Marcos 11,15-19) isto fica muito claro: os versículos 15-16 destacam a economia, o versículo 17 a ideologia e o versículo 18 o poder! É claro que o “estopim” para os versículos 17-18 é dado pela prática econômica fraudulenta descrita nos versículos 15-16. Mas é inegável que, fora o lado econômico, Marcos 11,15-19 também destaca ainda os lados ideológico e político.

Interconexão entre os lados

O levantamento dos quatro lados é um exercício que, por sua natureza, traz uma certa tendência de separar aspectos que fazem parte de um todo maior. Por isso, após a classificação, avaliação e síntese dos lados em separado, é necessário fazer a pergunta sobre o relacionamento destes quatro lados entre si. Este exercício pressupõe que o lado determinante do texto já tenha sido apurado. Agora é necessário saber de que forma este lado determinante se relaciona com os demais lados. Ou, em caso de haver mais de um lado igualmente determinante no texto: Como estes lados destacados se conectam com os restantes?

A título de exemplo, tomemos mais uma vez a história de Jesus e o conflito com o templo (Marcos 11,15-19). Já dissemos que o motor do conflito residia numa prática fraudulenta de vendedores e cambistas do templo. O exercício de interconexão entre os lados procura responder à pergunta: Por que razões representativas da autoridade do sinédrio (sumos sacerdotes e escribas) - ou seja, o lado político - pretendem eliminar Jesus (versículo 18)? O que tem o seu exercício de autoridade a ver com o comércio de vendedores e cambistas no templo? E que espécie de poder detém o povo, uma vez que o medo que Jesus provoca em sumos sacerdotes e escribas advém do fato do povo encontrar-se maravilhado com o seu ensino (versículo 18)? Uma outra interconexão, a da

economia com a ideologia, dá-se à luz do versículo 17. Pergunta-se: A expulsão de vendedores e cambistas do templo é motivada pela compreensão que Jesus tem da finalidade do templo como casa de oração (e não de comércio) para todos os povos? Ou a perversão econômica do templo faz com que Jesus lhe descubra um novo sentido e valor?

Tomemos ainda o exemplo do controverso texto de Romanos 13,1-7. O lado determinante dentro dele é enquadrado ou na área do exercício do poder ou na área da ideologia, segundo a qual as autoridades são “servas de Deus” para punir malfeitores e louvar benfeitores. Mais para o final do texto, contudo, aparecem em dois versículos alusões explícitas ao lado da economia: versículos 6-7. O exercício de interconexão entre os lados deve procurar responder em que relação está a ideologia específica dos versículos 1-5 com os imperativos de economia do versículo 7. Ou seja: Poderia ter gerado a necessidade do pagamento de impostos por parte dos cristãos na capital do império a ideologia específica dos versículos 1-5?

Independentemente de como consigamos responder a esta ou a perguntas semelhantes, de qualquer forma cabe atentar muito cuidadosamente para estas interconexões, pois assim como elas aparecem retratadas dentro dos textos, também costumam manifestar-se na realidade do dia-a-dia de nossas vidas. Na verdade determinadas ideologias são sempre mais apreciadas em determinadas classes. Por outro lado, certos interesses econômicos ou de poder podem estar na raiz de nossas escalas de valores e, portanto, determinar nossas ideologias. Daí ser de suma importância não isolar as idéias e os valores dos interesses materiais ou do poder que podem estar a determiná-los!

(2) Determinação do conflito como o eixo central do texto

Pessoas mais habituadas com o método sociológico não precisam, necessariamente, realizar a cada novo texto todos os passos metodológicos que uma aplicação “literal” da leitura através dos quatro lados sugere. Por isso uma segunda maneira de aplicar o método sociológico é partir diretamente para a determinação do eixo principal do texto, em torno do qual gira o seu conflito básico. A pergunta determinante neste modo de análise é: Qual é o conflito central que transparece no texto? Em torno de que assunto principal gira o seu conteúdo?

Uma vez determinado este conflito básico, tem-se automaticamente qual dos quatro lados é determinante no texto. A seguir passa-se, como no método anterior, à análise da interdependência e interconexão do lado central com os demais. As perguntas são aqui novamente as mesmas: Que tipo de relações existem entre o lado determinante do texto e os demais lados do método sociológico? Até que ponto o conflito central do texto explica-se a partir de sua interconexão com os outros lados e de que natureza seria esta interconexão?

O pressuposto na aplicação deste procedimento é que a natureza do evangelho é conflitiva, mas que os conflitos que ela desencadeia podem dar-se em diferentes áreas e sob diferentes aspectos. Às vezes o conflito se desencadeia no terreno da economia, em outras, na área das relações sociais, ideologia ou mesmo do poder. Mas tanto aqui como na metodologia anterior vale o que já colocamos: O fato de cada texto tematizar conflitos restritos a um só dos quatro lados não significa que a sua raiz mais profunda não se relacione com os demais!

Objetivos da leitura através dos quatro lados ou do conflito

Pode-se estudar a Bíblia e seus textos com um pressuposto de fé e de religião. Este seria o de que fé e religião dizem respeito ao interior e ao coração das pessoas, à sua parte espiritual. Deus deve ser invocado para alimentar as almas e dar descanso aos corações. É desnecessário dizer que

dentro de tal perspectiva o valor de Deus e da religião ficam praticamente restritos às áreas pessoal e individual.

A leitura sociológica tem por objetivo tirar a fé e a religião de suas amarras intimistas, individualizantes e meramente espiritualizantes. A vida do povo não se decide só no coração, muito menos só na alma. A vida do povo se decide no prato cheio ou vazio sobre a mesa, no emprego ou desemprego na fábrica, na terra para plantar, no salário arrojado ou não, no teto para morar, no dinheiro para poder cuidar da saúde e em coisas semelhantes. Toda a organização do trabalho e da vida social, por sua vez, vai depender muito da política, de quem a exerce e com quais interesses. Em meio a tudo isso haverá lugar para Deus e a religião? Devemos pensar Deus dentro de realidades como as relações sociais, a economia, a política e a ideologia? Ou o espiritual está para aquém destes âmbitos? A leitura sociológica responde negativamente a esta última pergunta. Ela parte do entendimento de que Deus não está aquém de nossa realidade nua e crua, mas que quer inserir-se bem dentro dela e ser percebido a partir de suas dores e alegrias, desesperos e esperanças. Em outras palavras: É na materialidade concreta da vida que precisamos - **também** - sentir e enxergar a presença de Deus. E a análise sociológica tem como seu principal objetivo exatamente este: o de tornar Deus presente e transparente em esferas determinantes da vida como a política, a economia, as relações sociais e as ideologias. E se o método de leitura através dos quatro lados torna possível enxergar a presença e a transparência de Deus, não é por um capricho teológico qualquer, e sim, fundamentado naquele que representa o centro da fé cristã, Jesus Cristo.

Justificativa teológica deste método

A leitura por meio do método dos quatro lados tem como raiz primária a própria encarnação de Deus em Jesus Cristo. Esta encarnação de Jesus revela três aspectos essenciais para a leitura sociológica:

1) O papel determinante dos conflitos

Qualquer leitura dos evangelhos, por mais desatenta que seja, não pode esquecer um fato que pode ser constatado a cada página sobre a atuação de Jesus: O seu evangelho, a boa nova que ele veio pregar e realizar em pessoa e que nas palavras de Isaías 61,1-3 consistiu em evangelizar aos pobres, proclamar libertação aos cativos, restaurar a vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos (Lucas 4,17-19), é uma realidade profundamente conflitiva. O evangelho de Jesus representa uma luz para dentro das trevas deste mundo (João 1,1-14) e, por isso mesmo, nem sempre estas trevas estão dispostas a recebê-lo. O evangelho que encerra uma proposta de justiça, participação e transparência vai deparar-se no mundo com as realidades opostas da corrupção, concentração de renda, de poder e mentira institucionalizada. Isto significa que o evangelho, se quiser ser coerente, vai ferir interesses e, em consequência, gerar oposições. Dependendo da natureza dos interesses que são contrariados, as oposições geradas podem ser de maior ou menor grau. Quando interesses de porte são contrariados, as trevas reagem com ameaças. Depois delas vêm as intimidações e perseguições; se estas também ainda não adiantam, segue-se a eliminação e o assassinato. É precisamente aqui, nesta última categoria, que se enquadra Jesus e a oposição que tratou de eliminá-lo por meio da crucificação. Ora, a leitura e interpretação dos textos bíblicos não pode nem deve "*esvaziar a cruz de Cristo*" (1 Coríntios 1,17). Ela tem que dar transparência, tanto ao número quanto ao caráter mais exato das oposições que Jesus gerou e que, em última análise, o levaram à morte. Se a análise sociológica é interpretação de textos pela ótica do conflito, então ela o faz sob o pressuposto de que os conflitos são as melhores mediações para uma interpretação correta da cruz. Os conflitos dão "carne e osso" à cruz, explicam as razões desta

tragédia, permitindo entender porque a cruz era escândalo para uns e loucura para outros (1 Coríntios 1,23). Dito em outras palavras: O interesse da leitura sociológica é que os verdadeiros conflitos provocados pelo evangelho de Jesus não sejam acobertados, minimizados, relativizados, ignorados ou restritos. É preciso muito mais: abrir as feridas em torno da cruz e conseguir mostrar todo o grau de porcaria, corrupção, mesquinhez, jogo de poder, ambição e prestígio que se escondem por trás e ao redor da mesma. O compromisso deste método de leitura é, pois, o de revelar as verdadeiras dimensões do pecado, todo o grau de sua podridão, toda a abrangência de sua atuação. Sem este serviço de interpretação bíblica, as pessoas dificilmente entenderão o que significa sermos justificados por Jesus e que tanto em sua vida como em sua morte ele vem a nosso encontro com misericórdia e bondade. Em última análise o método de interpretação sociológica tem que descobrir todas as dimensões de pecado para que, como diz Paulo, a graça possa voltar a ser graça e não simplesmente uma obrigação de Deus!

Dentro da análise de textos, essa leitura pela ótica do conflito levanta quatro perguntas básicas que devemos fazer em nossos exercícios de interpretação:

Primeira: Qual a natureza mais exata da oposição que Jesus e o evangelho geram à idéias, pessoas (grupos, instituições) e práticas de vida?

Segunda: Por quais motivos esta oposição é gerada, ou seja, quais interesses ela fere?

Terceira: Qual a natureza mais exata da proposta positiva de Jesus e do evangelho no texto?

Quarta: Quais as exigências que esta proposta apresenta para nossa conversão, ou seja: Que compromissos estamos dispostos a assumir em função da mesma?

Os exercícios em textos bíblicos dentro da ótica deste tipo de perguntas, vão mostrar três coisas às(aos) estudantes da Bíblia:

1. Quando se estuda o evangelho pela ótica do conflito, o propósito não é o de “arrebentar e desintegrar as comunidades”. O que se busca é a integração comunitária, ou seja, a “comunhão” entre as pessoas. A análise dos conflitos no evangelho mostra, contudo, que esta integração não pode ser construída unicamente com base na consciência de pecado e perdão. O perdão, por si só, ainda não integra comunitariamente. Mas ele é de extrema importância por representar um pressuposto indispensável para a integração. O que integra comunitariamente de forma libertadora, é a conversão. O perdão é, pois, libertador na medida em que é mediação para desencadear processos de justiça e solidariedade, ou seja, na medida em que favorece a conversão e mudança de hábitos e práticas sociais. Um perdão que não leve a uma mudança efetiva de relações e práticas sociais é alienante.

2. A leitura pela ótica do conflito resgata o compromisso profético da igreja e das(dos) crentes. O pecado vem maquiado, mascarado e acobertado sob o manto das leis e instituições (Marcos 7,8-13). Para que ele não fique transparente em todas as suas dimensões de corrupção e opressão, costuma-se problematizá-lo: Diz-se que a realidade (também a do pecado) não é tão simples como parece, que é preciso levar em conta a sua complexidade e o seu pluralismo. A igreja que queira interpretar o evangelho pela ótica do conflito, vai ter que expor o pecado à luz do dia, denunciar até mesmo aquilo que ela consente. Mas para que a igreja possa desincumbir-se a contento desta tarefa, necessitará da prática constante de uma leitura correta da realidade. Ou seja: A igreja não poderá ser profética em relação a pecados sociais e estruturais sem constante análise de conjuntura.

Mecanismos semelhantes àqueles usados para acobertar pecados em nível social são aplicados também à esfera pessoal e individual. Para que a interpretação dos textos possa ser relevante, estudantes da Bíblia deveriam fazer amplo uso de aprofundamentos em áreas como, por exemplo, a da psicologia e da psicanálise. É exatamente o estudo destas ciências que permitirá (uma vez aclaradas as dimensões do pecado social) que não nos percamos na ilusão dos nossos próprios

mecanismos de defesa e acobertamento de injustiças e egoísmo. Não podemos projetar unicamente sobre sociedades e coletivos o que se cria e floresce, simultaneamente, em nosso interior.

3. O estudo dos conflitos bíblicos requer (bem à semelhança do que requer o estudo de suas manifestações atuais) a análise de conjuntura dos tempos bíblicos. Isto se faz através do aprofundamento no mundo contemporâneo do Antigo e do Novo Testamentos. Só à luz de tal aprofundamento será permitido perceber por que e em que medida as práticas e os discursos de Jesus e dos apóstolos representaram avanços dentro da sua época. Como exemplo colocamos o texto de Marcos 15,40-41. Aí diz que Jesus, desde o seu ministério na Galiléia, fazia-se acompanhar por várias mulheres. A primeira vista isto não precisa representar evangelho nenhum se lermos tal indicação unicamente baseados na experiência que temos de nosso convívio social do século 20. O estudo do mundo contemporâneo a Jesus irá revelar que, na época, os mestres judeus de maneira alguma admitiam ser acompanhados por mulheres. Sob a luz destes dados relativos à época de Jesus, sua prática em Marcos 15,40-41 fica bem mais conflitiva: Na verdade, representa uma clara ruptura com os hábitos do relacionamento entre homens e mulheres.

2) O papel essencial do corpo

Se a cruz de Jesus e o compromisso de não esvaziá-la (1 Coríntios 1,17) dão a razão para prestigiarmos a leitura bíblica pela ótica do conflito, a ressurreição corporal de Jesus representa o fundamento a partir do qual se prestigia o lado material dos conflitos e a dimensão material da salvação. A ressurreição corpórea de Jesus é o maior atestado para o fato do corpo representar algo de profundamente espiritual aos olhos de Deus. A atividade de Jesus destacou-se nesta mesma direção: todas as suas ações são no sentido da cura dos corpos, da partilha dos pães e de bens para que esses mesmos corpos não passassem fome. O próprio Pai Nosso que pede pelo pão de cada dia é um testemunho de que a espiritualidade passa, não só pelo coração, mas também - e essencialmente - pela boca, barriga, vestuário, moradia (Mateus 25,31-46). O método da leitura através dos quatro lados visa dar especial atenção a este lado material e concreto do evangelho. Que o espiritual passa profundamente por esta área para resgatá-la e transformá-la mostram, entre outros, Pablo Richard e Arzemiro Hoffmann⁴.

3) O papel essencial do coletivo

Em Mateus 4,16 afirma-se que com Jesus se cumpriu a seguinte profecia: *"O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz!"* O texto revela: O projeto de Deus transcende a esfera meramente individual. Trata-se, não unicamente de salvar pessoas isoladas, mas de reagrupar, reorganizar e salvar todo o povo de Israel que se havia fragmentado, perdido e desorientado (Marcos 6,34). Em Paulo o projeto divino transcende, inclusive, os limites nacionais: É toda uma humanidade que é convidada a reconciliar-se com Deus e entre si, para gerar um novo povo, em que a verdade e a justiça façam morada. Entendemos que este projeto maior de Deus, que não exclui o individual, mas que seguramente não se limita ao mesmo, transcendendo-o em dimensões sociais mais amplas, requer uma interpretação sociológica do evangelho. A teologia (se isto for verdade) será sempre, também, teologia política, já que é na esfera do exercício dos poderes que caem as grandes decisões para a sociedade e a coletividade.

4. Pablo Richard, "O fundamento material da espiritualidade". In: *Estudos Bíblicos*, v.7, 1985, p.73-74; Arzemiro Hoffmann, "Espiritualidade alienante ou comprometida". In: *Boletim Teológico*, v.9, 1989, p.23-28.

Referenciais evangélicos para os quatro lados

A leitura de textos por meio do método sociológico tem sido questionada pelo fato de trabalhar muito nas áreas do social (economia e política, sobretudo) e pouco na área da teologia e religião. As(os) intérpretes geralmente sabem dizer o que um texto fala sobre economia, mas têm dificuldade de expressar o que ele significa em termos da religião. Qual é o valor religioso dos textos? Que concepção de Deus deixam transparecer? Que tipo de religião contestam ou defendem? Eis aí as questões mais prementes!

Nossa opinião é a de que as dificuldades na avaliação do conteúdo religioso dos textos originam-se em dois motivos:

- 1) Em muitas pessoas ainda perdura a idéia de que a caracterização do religioso num texto tenha que ser uma coisa à parte e distinta do profano, do social. Isto é errôneo. Se o corpo (o material) é, aos olhos de Jesus, profundamente espiritual, então o religioso dos textos não precisa residir necessariamente fora ou além destas coisas, mas eventualmente nas próprias.
- 2) Se o religioso dos textos pode residir em coisas diretamente relacionadas com política, economia e relações sociais, então a determinação do seu caráter mais exato pode, nestes casos, ser facilitada com a ajuda de referenciais gerais. Estes representam o evangélico dentro da economia, política e relações sociais que podemos determinar à luz da Bíblia como um todo. Eles não esgotam o conteúdo religioso dos textos específicos, mas ajudam a enquadrá-lo e a especificá-lo com maior rapidez e precisão.

Em razão disto, fornecemos em seguida alguns referenciais básicos sobre o conteúdo evangélico que pode ser encontrado ou avaliado dentro de cada um dos quatro lados da análise sociológica:

Na economia:

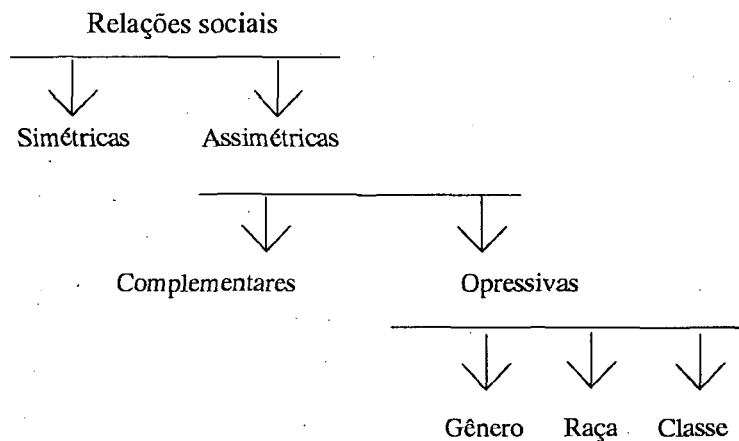
- **Partilha x acúmulo** - O maior referencial evangélico dentro da economia é a partilha. Jesus colocou muito claro: *“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra!”* (Mateus 6,19; Lucas 12,16-21). Lembramos também Habacuque 2,6: *“Ai de quem acumula o que não é seu!”* Biblicamente a prática do acúmulo é traduzida por termos como “avareza” e “ganância”. Economicamente a prática é conhecida entre nós pelo fenômeno da concentração de capital e renda. O Brasil está entre os países que se caracterizam por apresentar um dos maiores índices de concentração de renda. Convém notar que, no caso da partilha, não se trata de distribuir as sobras: Louvável é a partilha aos olhos de Deus, quando atinge também o essencial (Marcos 12,41-44).
- **Comunhão com o pobre x riqueza excludente** - Não existe organização sócio-econômica capaz de excluir todas formas de desigualdade e opressão, sobretudo no campo da economia. Por isto a Bíblia defende uma postura solidária para com os menos favorecidos, sendo que para viabilizá-la, aponta para os mais variados meios (esmola: Mateus 6,1-4; Lucas 12,33; Atos 10,2; perdão das dívidas: Mateus 6,12; 18,27; redistribuição da terra: Levítico 25,18; dízimos para os pobres: Deuteronômio 14,28-29; 26,12-15; empréstimos sem juros: Êxodo 22,25; empréstimos sem espera por devolução: Lucas 6,35; assistência nas mais variadas formas: Mateus 25,35-36.42-43; convite para refeições: Lucas 14,12-14; venda dos bens: Atos 2,45; 4,32-35; realização de coletas: 2 Coríntios 8 e 9).
- **Bem-estar coletivo x progresso individual** - A Bíblia não defende a pobreza. Ela fala, isto sim, de que Deus reservou para seu povo uma terra boa e ampla, que mana leite e mel (Êxodo 3,8; Deuteronômio 26,9). Também Jesus entendeu-se como alguém que veio para dar fim ao jejum do povo (Marcos 2,18-22)! Por aí percebemos que bem-estar, no fundo, é coisa

pretendida por Deus e positiva. O bem-estar só se torna negativo, quando e na medida em que é injustamente privatizado e não estendido à coletividade.

- **Igualdade x estratificação social** - O ditado popular diz: *“Quem trabalha mata a fome, não come o pão de ninguém; Quem ganha mais do que come, sempre come o pão de alguém!”*
Este ditado intui com muita clareza que na origem da formação de classes está uma prática assassina, pois é isto que significa “comer o pão de alguém”. A preocupação da Bíblia vai no sentido de não sedimentar classes sociais, mas de praticar a distribuição de renda para que haja igualdade (2 Coríntios 8,13-15).
- **Consumismo x vida moderada** - A simplicidade de vida transparece na recomendação de 1 Timóteo 6,8: *“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes!”* O quanto é importante a atitude de não desperdício para com os bens também sobressai nas duas multiplicações dos pães: As sobras não foram jogadas fora, foram recolhidas (Marcos 6,43; 8,8).

Nas relações sociais:

Pedrinho A. Guareschi nos coloca as seguintes considerações⁵: *“Uma estrutura social é constituída, pois, em e através de relações. Mas essas relações são milhares: de classe, gênero, raciais, étnicas, culturais, religiosas. Elas se definem pela natureza das práticas que organizam; e isto implica que elas se distingam pelos tipos de interesses que modelam e constroem”*. Tentando especificar os pontos que iremos discutir, no que se refere às relações de opressão, podemos fazer as seguintes distinções:



É desnecessário dizer que a manifestação de relações sociais opressivas é diferente se considerarmos o gênero (subordinação da mulher), a raça (subordinação racial) ou a classe (dominação como consequência da exploração salarial e de preços). Importante é, no entanto, que percebamos o critério norteador para a avaliação de relações sociais, a saber, a simetria ou assimetria. No dicionário de português organizado por Francisco da Silva Bueno “simetria” é definida como “relação ou igualdade de grandeza, forma e posição de partes que estão em lados opostos”. Por aí fica fácil de entender que *o critério evangélico para relações sociais é a igualdade. Relações*

5. Pedrinho A. Guareschi, *Sociologia da prática social. Classe, estado e ideologia em diálogo com Erick Wright*. Petrópolis, Vozes, 1992, p.219.

que não sejam de igualdade podem ser de dominação ou submissão. A dominação gera relações de discriminação (Marcos 2,16; Lucas 18,9-14), separação e sectarização ("cada macaco no seu galho" = cada classe no seu lugar social, bairro, sede social, lojas e restaurantes) e exploração. A submissão gera relações de dependência à pessoas, grupos, instituições (como partidos, leis, clubes de futebol), nações, etnias. O maior problema nas relações de subordinação é que as pessoas correm o risco de perder sua auto-crítica e, em decorrência, a sua liberdade evangélica.

Relações sociais, como coloca Guareschi, existem aos milhares. Por isto é bom que se coloque também outras chaves para determinar o evangélico e não evangélico nas relações do cotidiano, o que queremos fazer a partir de alguns exemplos:

amizade x inimizade

participação x competição

respeito x desrespeito

sensibilidade (afetuosidade) x estupidez (rispidez)

compreensão x incompreensão (falta de abertura para ouvir e dar atenção a posições ou práticas contrárias ao nosso parecer)

generosidade (amor) x hedonismo (autogratificação imediata)

franqueza (transparência) x mascaramento (enrolação)

Na política/poder

Nesta coluna temos como referencial máximo aquilo que se convencionou chamar de "poder-serviço". A base para ele é, comumente, extraída de Marcos 10,41-45, onde lemos: *"Aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor"* Clodovis Boff, em artigo intitulado "Poder-serviço: Abordagem evangélico-teológica"⁶, contrapõe a este poder-serviço o poder-dominação. Segundo ele as duas principais vertentes deste poder-dominação são o autoritarismo e o paternalismo e o gráfico que apresenta serve como uma melhor caracterização de tal relação:

Poder - dominação

Autoritarismo

Forma aguda
 Patente, manifesto, sem máscaras
 Sem participação alguma
 Intolerante, sem concessões
 Inteiro e sem brechas
 Dominação imposta
 Reforça a dependência
 Trabalha contra

Paternalismo

Forma atenuada
 Discreto, mascarado sob as máscaras aparências do poder-serviço
 Com participação dependente e controlada
 Tolerante, faz concessões
 Abre brechas, dá algumas chances
 Dominação consentida
 Mantém a dependência
 Trabalha *para* (mas não *com*)

6. CECA - Informação, formação, experiência, ano 1, nº 2, 1989, p.39-51.

Clodovis Boff (p.48-49) coloca a seguir também uma série de dispositivos jurídicos e institucionais em função dos quais deveríamos lutar para que o poder-dominação fosse inibido e o poder-serviço fortalecido. Pela importância que detêm para nossa elaboração de referenciais evangélicos para o lado do poder/política, vamos enumerá-los aqui também. São os seguintes dispositivos jurídicos, que transcrevemos literalmente:

“Submissão da autoridade constituída à soberania da lei

Escolha das autoridades pelas bases

Rotatividade dos cargos

Divisão e partilha dos postos de responsabilidade

Controle regular do poder pelos irmãos

Reconhecimento dos movimentos de opinião distintos dentro da comunidade. Tal determinação corresponde ao direito de oposição ou de organização de contra-poderes (não anti-poderes). Podem “dar trabalho”, mas dentro de um pluralismo legítimo, favorecem a vitalidade e a riqueza

Consultas gerais para casos importantes (plebiscitos)

Exclusão por princípio de privilégios e sinais de honra mundana (mordomias e títulos de prestígio). A associação *onus-honor* (*cargo-honra*) é desautorizada pelo evangelho (Mateus 23,5-11 e Lucas 17,7-10)."

Creemos que, dentro das primeiras comunidades cristãs, *a vertente mais expressiva de poder participativo advém do fomento para o uso comunitário dos dons*. Tanto Jesus como os apóstolos convidaram os discípulos e as comunidades para não serem unicamente receptivas e passivas frente à religião, e sim, participantes do poder do evangelho mediante a vivência e aplicação dos dons do espírito. Zelaram para que o poder sagrado e os meios de produção religiosa não permanecessem acumulados por uma hierarquia minoritária e sim, estivessem a mercê do povo como um todo. Leonardo Boff coloca: *“Esta idéia nos aproxima daquela democrática, com a diferença de que o poder eclesial é entendido como derivação e participação no poder do Espírito e do Ressuscitado, atuantes na comunidade, e não simplesmente do povo, entendido profanamente”*⁷. Para Leonardo Boff uma igreja hierarquizada se caracteriza pela *“rigidez e a falta de alegria evangélica... empobrece por seu espírito capitalístico de tudo acumular... dando origem ao medo e à multidão de medocres de espírito subserviente... Bem diversa é a Igreja onde o Espírito não é afogado; aflora a criatividade... pessoas se sentem efetivamente membros e não meros fregueses de suas comunidades, propicia-se espaço para a realização religiosa de todos com suas várias capacidades (carismas) postas a serviço de todos e do Evangelho”*⁸.

Na ideologia religiosa

O maior interesse da ideologia religiosa é determinar a idéia e a concepção exata de Deus que os textos deixam transparecer. Para a formação de referenciais evangélicos dentro deste lado da análise sociológica devemos nos perguntar: Que funções genéricas pode ter a religião? Para que(quem) ela serve ou pode servir? Que interesses defende ou pode defender?

7. Leonardo Boff, *Igreja, carisma, e poder*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1982, p.234-249 (226).

8. Leonardo Boff, *Igreja, carisma, e poder*, p.239.

